

ESPORTES RADICAIS: REFERÊNCIAS PARA UM ESTUDO ACADÊMICO

Rita de Cassia Fernandes*
Faculdade de Educação Física / Unicamp

Resumo

Este texto objetiva propor uma discussão sobre a história dos “esportes radicais”, visto o grande desenvolvimento e repercussão que essas práticas corporais vêm obtendo nos últimos anos na nossa sociedade. Para melhor compreender os “esportes radicais” e as características que os tornam dotados de certa singularidade, fundamentei este artigo nas teorias de alguns autores principalmente Guttman, Elias e Bourdieu. Partindo destes autores, busquei apresentar questões que possuem importância para o mundo esportivo e também um referencial teórico, para posteriores pesquisas que possam ser feitas sobre este assunto.

Palavras-chave: esporte; esportes radicais; sociologia do esporte.

Introdução

Os “esportes radicais” formam um conjunto de práticas corporais, de certa forma, ainda pouco estudadas. A maioria das informações existentes limitam-se apenas a tratar de técnicas ou descrições de eventos e competições ocorridas. A escassez de bibliografia proveniente do meio acadêmico sobre este assunto pode ser encarada como uma dificuldade adicional, mas é também um estímulo à pesquisa.

O objetivo deste texto é propor uma série de questões, as quais pretendo explorar no decorrer da análise, que é composta de mais cinco seções.

Primeiramente, busco delimitar o objeto de estudo, na tentativa de situar historicamente um possível surgimento e desenvolvimento dos “esportes radicais”, bem como esclarecer as terminologias utilizadas e as confusões conceituais que possam estar presentes. Os “extreme games” são jogos ou esportes? Busco, enfim identificar as características que os tornam dotados de certa singularidade em relação aos esportes convencionais.

Também aponto a dificuldade de propormos uma definição rigorosa para estes. Por exemplo, a característica que define um esporte como radical é o comportamento diferenciado dos praticantes expresso através de suas ações nas

* Colaborou para a elaboração deste texto o Prof. Marcelo Weishaupt Proni.

diversas modalidades? Outras possíveis características dos “esportes radicais” também estão presentes em outros esportes que também possuem um caráter de desafio e perigo?

Nas seções posteriores, busco apoio em alguns autores renomados a fim de auxiliar na compreensão dos “esportes radicais” e do papel que eles assumiram na nossa sociedade. Dentre estes autores, refiro-me primeiramente a Allen Guttmann, principalmente devido à sua abordagem dos atributos do esporte moderno, procurando verificar como esta análise pode ser aplicada aos “esportes radicais”, em especial no processo de organização das modalidades. O segundo autor escolhido é Norbert Elias, o qual trata da necessidade que os indivíduos têm de realizar atividades que produzam tensões emocionais. Procuo argumentar no sentido de que os “esportes radicais” poderiam estar funcionando como meios de “descontrole controlado das emoções”. O terceiro autor a que faço referência é Pierre Bourdieu. Busco analisar como a idéia de “consumo esportivo” poderia ser um possível fator de mudança dos “esportes radicais”, que se transformaram não apenas em práticas simbólicas, como também em um espetáculo para um público televisivo (ou seja, “esporte espetáculo”).

Apresento as minhas considerações finais sobre o tema proposto, tentando não obter respostas e conceitos acabados, mas buscar subsídios para estudos posteriores que possam ser feitos sobre este assunto.

Um termo em construção

Primeiramente acredito ser necessário atentarmos para o fato de que, ao longo do tempo, sempre existiram práticas que envolvessem desafios, aventuras e vertigem, porém estas práticas não podem ser chamadas de “esportes radicais”. Simplesmente porque não eram atividades esportivas, pelo menos não no sentido que atribuímos a expressão. Enfim, estas não eram dotadas da função que o esporte assumiu atualmente em nossa sociedade.

De qualquer forma, tentando situar historicamente um possível início do uso da terminologia “esportes radicais”, acredito que isso se deu na década de 70, provavelmente entre os praticantes do Surfe, em referência aquelas pessoas que se aventuravam em enfrentar ondas muito altas próximo a regiões de corais. Partindo do Surfe então, esse termo foi sendo empregado em outras modalidades, sendo umas das mais conhecidas o Skate, que possivelmente levou para o meio urbano as manobras, a linguagem e o comportamento dos surfistas. Poderíamos citar uma lista de modalidades que vêm surgindo e adotando esta terminologia, como o *bungee jump*, *skate*, *skysurf*, *rafting*, *canyoning*, *rapel* e tantas outras.

Nos anos 80, houve um grande desenvolvimento dos “esportes radicais”, que atingiram na presente década um maior nível de organização e controle dos riscos envolvidos, devido principalmente à contribuição dos meios

de comunicação, dos equipamentos de segurança utilizados e dos recursos empregados.

É preciso refletir um pouco a respeito da terminologia utilizada e das definições propostas, quando se inicia uma discussão a respeito dos “esportes radicais”, como são denominadas essas diferentes práticas atualmente. Noto uma grande confusão de conceitos: por exemplo, há diferença entre “esportes radicais” e “jogos radicais”? Ou melhor, qual seria a tradução mais adequada para “extreme games”? Poderíamos pensar se esta ambigüidade é devida apenas às convenções lingüísticas de cada país. Tentando contribuir para um esclarecimento sobre este ponto, faço algumas considerações preliminares.

Quando estudamos as teorias do jogo, Johan Huizinga (1971) nos mostra que menos espaço é destinado ao jogo desde o século XIX, sendo que a cultura contemporânea tornou-se para ele séria demais. Assim, grande parte dos elementos lúdicos dos séculos anteriores foram perdidos. Os jogos de bola constituem uma forma de competição recreativa que se esportizou, estando sujeitos então a um sistema de regras fixas e a uma atitude utilitarista. A transição observada, então, seria a passagem do divertimento ocasional para a existência de clubes e de competições organizadas.

Roger Callois (1979), por sua vez, classifica os jogos de acordo com o seu papel predominante: de competição (*âgon*), de sorte (*âlea*), de disfarce (*mimicry*) ou de vertigem (*ilinx*). Esta última classificação nos interessa muito, ou seja, nos jogos de vertigem a busca desta sensação de perda momentânea de controle espaço-temporal sempre esteve presente. Callois fala das crianças que se divertem girando rapidamente o seu corpo até perderem o equilíbrio e também dos grandes aparatos dos parques de diversão. Tudo em função de provocar sensações internas de susto e pânico: velocidade, queda, choque ...

Com a televisão e o desenvolvimento de competições organizadas, a sensação de vertigem provocada pelos novos desafios pode ser compartilhada pelo telespectador. É o que sugere Mauro Betti:

Mas a TV vale-se também da necessidade humana da vertigo: saltos de pára-quedas, body-jumping, canoagem – de modo geral, os “esportes radicais” – bem como as corridas de motos e automóveis, têm lugar certo nos programas esportivos. A câmara colocada na perspectiva do praticante, valoriza a dimensão da vertigem. O desenvolvimento tecnológico também melhorou a segurança dos equipamentos e permitiu uma ampliação do número de interessados nestas modalidades. Os modernos play-centers levam a *ilinx* às últimas conseqüências, em equipamentos cada vez mais grandiloqüentes.¹

Porém, há uma questão que poderíamos levantar: como as competições esportivas organizadas (*âgon*) estariam incluídas nos jogos de vertigem (*ilinx*)?

¹ BETTI, M. 1997, p.180.

Callois nada fala a respeito disso. Mas acredito que os “esportes radicais” auxiliados pela mídia, permitiram de certa forma essa passagem. Essas modalidades recentes começam a transformar em competições esportivas voltadas para o espetáculo televisivo, mas não perdem em caráter de produzir muita adrenalina.

Percebo então que existe uma dialética entre jogo e esporte, que proporcionam um afastamento de posição dicotômicas muito presentes até então. No entender de Noronha Feio (1978), o esporte mantém as características próprias do jogo, porém excede a este.

Podemos, agora, procurar responder uma questão que parece ser primordial: Como definir os esportes radicais?

Já de início deparo-me com certas dificuldades que se fazem presentes devido ao grande número de práticas que atualmente estão associadas a esta terminologia. Também com relação ao fato destas práticas, dependendo do momento histórico, serem ou não consideradas como radicais. Neste sentido, poderíamos nos remeter ao exemplo do Surfe, que até certa época era considerado um “esporte radical” e atualmente este termo já não é tão constante para esta modalidade. Deste modo, poderíamos aceitar que a composição de uma definição fechada e conclusões acabadas a respeito desta questão constituiria uma forma simplista de abordá-la, visto os vários significados que os “esportes radicais” poderiam assumir dependendo da prática considerada e do momento histórico. Trata-se de um conceito que vem sendo socialmente construído nas últimas duas décadas.

Porém, considero importantes duas características presentes nestas práticas, que seria o comportamento diferenciado expresso pelos indivíduos, ou seja, um comportamento que confronta valores antes estabelecidos frente aos desafios proporcionados por estas práticas, e também o fato de funcionarem como meio de produzir adrenalina. Há, por um lado, a preocupação em fugir dos mecanismos de controle social impostos pela natureza. Por outro, a preocupação em vencer os limites impostos pela natureza.

Mas, para um esporte ser considerado radical não basta somente o desafio ou o contato com a natureza. É necessário o comportamento diferenciado do indivíduo nesta prática. E para uma atividade física “radical” ser considerada esporte são necessárias, entre outras características, a presença de competições organizadas. Para elucidar melhor esta questão, tomo como exemplo o caso da espeleologia, a exploração de cavernas. Neste tipo de prática, o desafio e os obstáculos naturais proporcionados pelo ambiente estão presentes, porém o objetivo maior dos praticantes é desbravar essas formações geológicas bem como superar seus próprios limites, e não a competição como fim em si mesma.

Considerando um outro esporte, o Alpinismo, temos uma situação semelhante a anterior. Podemos observar o grande nível de cooperação que existe entre uma equipe, consolidando o seu objetivo de vencer um desafio,

contato com a natureza e o alcance de novos recordes. Mas o Alpinismo é uma atividade muito antiga, e seus praticantes não se definiam como “radicais”.

De qualquer modo, embora haja dificuldades conceituais, muitas das modalidades que compõem esse universo foram “esportivizadas” recentemente. Vejamos como alguns autores podem nos ajudar a entender esse processo de esportivização.

A racionalidade dos “esportes radicais”

Seguindo os pressupostos de Allen Guttmann (1978), o esporte sempre esteve presente em diversas épocas históricas e diferentes civilizações. Na transição da sociedade tradicional para a sociedade ocidental houve mudanças profundas na mentalidade do homem. O esporte moderno acompanhando estas modificações deveu sua constituição a essa nova visão de mundo e ao desenvolvimento do pensamento científico europeu.

As tendências gerais da organização da sociedade moderna refletiram a forma de organização e constituição do esporte. Em outros termos, esses atributos do esporte moderno estariam então presentes nas características da organização social, exceto a busca de recordes, que seria um traço particular deste sem correspondência na organização da sociedade. Acerca desses atributos, Guttmann afirma que:

Uma grande vantagem do modelo Weberiano é que permite ver o microcosmo (esportes modernos) as características do macrocosmo (sociedade moderna) – secularismo, equidade, especialização, racionalismo, organização burocrática e quantificação. Estas seis características, acrescidas da busca de recordes que se manifesta de forma muito mais impressionante no esporte que no restante da ordem social, são elementos interdependentes, sistematicamente relacionados com o tipo ideal de uma sociedade moderna.²

Acredito que em relação aos “esportes radicais” seria mais interessante atentarmos para quatro desses atributos: *especialização*, ou seja, dedicação do atleta a uma única modalidade esportiva, em busca do aperfeiçoamento técnico; *racionalismo*, que envolve normatização, padronização das regras e aperfeiçoamento tático; *organização burocrática*, com controle centralizado de calendários e hierarquização administrativa e *busca de recordes*, grande ênfase em relação á superação de marcas estabelecidas por outros atletas. Essas características começam atualmente a ser percebidas de forma bem mais clara nos “esportes radicais”.

Para ilustrar a presença desta racionalidade nos “esportes radicais”: a Revista Mundial, de abril de 1997, traz uma reportagem com o título “Radicais

² GUTTMANN, A. 1978, cap. III, pp. 80-1.

sobre a neve”, onde é descrita a primeira edição dos X Games de Inverno, que ocorreu no início de fevereiro do mesmo ano, numa estação de esqui da Califórnia. Quatro modalidades esportivas desdobradas em onze categorias estavam presentes, além de um número grande de atletas e espectadores. Para a realização deste espetáculo esportivo a ESPN montou uma equipe com mais de 300 profissionais para trabalhar na produção de imagens, sendo esta uma das maiores produções da ESPN, segundo o seu coordenador de comunicação.

Portanto, na visão de Guttmann, as práticas se esportivizando e sendo dotadas cada vez mais de regras universais estabelecidas por federações e de maneira geral os esportes foram adotando as tendências das quais falamos, presentes na sociedade moderna.

O descontrole controlado das emoções nos “esportes radicais”

Para o cientista social Norbert Elias o surgimento do esporte moderno estaria associado a um processo de transformação dos hábitos e costumes das sociedades ocidentais o qual ele chama de “processo de civilização”. Este, sendo de ordem sócio-cultural, envolveria mudanças nas relações sociais, bem como no estilo de vida destas sociedades. Essas mudanças originaram ao longo dos séculos competições físicas civilizadas, as quais desenvolveram modalidades de autocontrole simultaneamente a formas de liberação ou produção controlada de tensões emocionais.

O esporte torna-se um exercício de competição que tente eliminar as ações mais violentas que de certa forma, estariam ofendendo os novos padrões civilizados da aristocrata inglesa.

As sociedades á medida que se desenvolvem exigem um maior autocontrole por parte dos indivíduos tendendo ao aparecimento de tensões provenientes do seu cotidiano e também do estresse resultante do exercício e esforço contínuo de autocontrole. Felizmente, ao longo deste processo, essas mesmas sociedades desenvolveram meios para compensar essas tensões, sendo que estes permitem que as emoções fluam com mais liberdade e de certo modo, possam proporcionar uma imitação dos sentimentos da vida real das pessoas, sem perigo ou riscos, por isso essas são consideradas “miméticas” para Elias.

Dentre esses meios, várias atividades recreativas e também o esporte tiveram essa finalidade de satisfazer os impulsos emocionais ou instintivos e controlar as emoções, as quais as regras sociais tendem a cercear. Segundo Elias e Dunning:

As funções específicas do desporto, teatro, corridas, festas e de todas as outras actividades e acontecimentos de uma maneira geral associados ao termo “lazer”, em especial de todas as actividades miméticas e dos acontecimentos do mesmo gênero, tem de ser estabelecidas relativamente a esta ubiquidade e estabilidade de controlo

das excitações.³

Caminhando no sentido dos “esportes radicais”, a questão da esportivização de uma prática social que passou pelo chamado “processo civilizador” pode ser elucidada quando nos remetemos aos tempos mais iniciais da gênese destes, onde um grupo de pessoas se reuniam aos finais de semana, saindo em busca de uma prática realmente radical, por exemplo escalar uma chaminé ou uma torre de alta tensão. Essa prática, em busca de um certo transe emocional e de quebra “as regras sociais”, começa a ser de certa forma limitada e restringida pela sociedade através das regras criadas por essa esportivização.

Posso perceber ainda, nessas novas práticas, através dos discursos dos atletas ou praticantes, que muitas vezes, um dos objetivos seria amenizar o estresse do cotidiano e ao mesmo tempo conviver com o desafio, os limites e incertezas. Neste mesmo sentido poderíamos pensar um pouco a respeito dos “brinquedos radicais” que aparecem nos parques temáticos. Como se deu esse processo de introdução destes tipos de divertimento que se caracterizam principalmente como jogos de vertigem e por que os indivíduos optaram por estes tipos de diversão em detrimento de outros?

Enfim, estas práticas estariam voltadas tanto para a “busca da excitação” como para uma liberação das emoções de forma regrada, o “descontrole controlado das emoções”. Mas, o ao esportivizar os desafios radicais esses se tornam “civilizados”? Ou seja, o comportamento dos praticantes deixa de ser “radical”?

A mercantilização dos “esportes radicais”

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1983) foi a partir da Era Moderna que os esportes se constituíram e estes, por sua vez são diferentes dos jogos populares de outras épocas. Nas *public schools* inglesas os esportes destinavam-se ao entretenimento e à educação dos jovens das elites da sociedade burguesa. Esse esporte agora apropriado por essa classe social mais alta, retornaria posteriormente ao povo, mas na forma de espetáculo:

Em suma, o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, *produzidos pelo povo*, retorna ao povo, como a *folk music*, sob a forma de espetáculos *produzidos para o povo*.⁴

Um outro ponto importante é que todas as práticas esportivas, representam uma oferta destinada a uma demanda social. Assim, poderíamos caracterizar o esporte como um fenômeno sócio-cultural transformado em

³ ELIAS, N. & DUNNING, E. 1992, cap. I, pp. 111-2.

⁴ BOURDIEU, P. 1983, p. 144.

“mercadoria”, seguindo a trajetória de um empreendimento com fins “lucrativos”, obedecendo às “leis de mercado”.

Percebemos também que há no esporte contemporâneo uma total vinculação aos meios de comunicação de massa (mídia), especialmente a televisão, modificando consideravelmente a prática e também a nossa percepção sobre o esporte. A figura do espectador nesse processo assume um papel importante, pois o esporte transformou-se num espetáculo televisivo nos moldes para ser consumido por um público que realmente espera imagens excitantes.

Como um poderoso instrumento político e econômico, tendo o seu componente comercial intensificado pela venda das imagens dos grandes “astros” e de produtos, o esporte ocupa uma posição de um elemento muito requisitado para o marketing de grandes empresas (Proni, 1998). Neste sentido acho muito conveniente para o estudo dos “esportes radicais”, verificarmos o seu caráter mercantil, tentando ilustrar com algumas competições que vêm ocorrendo no Brasil e no mundo, mesmo que com o nome de “X GAMES” ou “Jogos Extremos”.

O Jornal “O Estado de São Paulo, em reportagem de junho de 1995, escreve a respeito da primeira olimpíada de “esportes radicais” do planeta que seria realizada em Rhode Island, na costa leste dos Estados Unidos. Também é reportada a grande estratégia de marketing montada, sendo que as emissoras ESPN, ESPN2 e ESPN International iriam promover a cobertura total do evento, com exclusividade. Era prevista nesta competição a participação de 350 atletas distribuídos em 11 modalidades, sendo algumas delas: bungee jump, patinação-in-line, skate, escalada esportiva.

Uma outra reportagem um pouco mais atual publicada na “89 a Revista Rock”, de setembro de 1998, traz-nos a descrição de mais uma nova versão dos X-Games realizados este ano, também na Califórnia na cidade de San Diego. As imagens das transmissões da ESPN foram recebidas por 172 países, a respeito da participação de 450 atletas dispostos em categorias como: *skate*, *skysurfing*, *wakeboarding*, *snowboarding*. A premiação total destinada aos atletas foi de 750 mil dólares.

Percebemos a grande e decisiva participação da televisão como financiadora de competições esportivas e promotora do profissionalismo que se faz presente atualmente nos “esportes radicais”, transformando o espetáculo esportivo em um produto de consumo.

A questão que fica é: a mercantilização e a espetacularização dos “esportes radicais” irá significar uma mudança muito drástica no seu significado social, no seu perfil original?

Considerações finais

Busquei, através deste texto, tentando fundamentá-lo nas teorias dos autores citados, trazer maiores subsídios para a compreensão dos “esportes

radicais”, como um fenômeno inerente à nossa época que não pode passar despercebido. Acredito que entender o papel deste na sociedade contemporânea é indispensável para entendermos as mudanças no mundo esportivo e as novas questões colocadas para a História do Esporte.

Pretendi também suscitar discussões posteriores que possam ser feitas a respeito dos “esportes radicais”, tentando abordá-los de uma maneira mais específica, dadas a complexidade e a diversidade de informações que este termo assume. Acredito que muitas questões ainda ficaram por ser levantadas. Mas, se pude chamar atenção para a necessidade de olhares sobre este tema, fico satisfeita em cumprir o meu papel.

Abstract

This text aims to propose a beginning discussion about history of “extreme games”, due to the great development and repercussion that these body practices leave obtained in the last years in our society. For a abetter comprehension about “extreme games” and the characteristics wich give them certain singularity, this article was based on theories of some authors mostly Guttmann, Elias and Bourdieu. Based on these authors, I search to present important questions to the sporting world and also a theoretical references for post reserches that can be made about this theme.

Keywords: sport; extreme games; sports sociology.

Referências bibliográficas

- ANSHOWINHAS, Paulo. Jogos de risco. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 de junho de 1995, cad. ZAP, p. 4-5.
- BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 1997. Tese de doutorado.
- BOURDIEU, Pierre. Como ser esportivo. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- CALLOIS, Rogers. Sobre la natureza de los juegos y su clasificación. In: LUSCHEN, G.; WEIS, K. **Sociologia del Deporte**. Valladolid, Editorial Miñon, 1979.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, DIFEL, 1992.
- ESTEVAM, Andréa. Extreme TV olimpíada radical via satélite. 89 **A Revista Rock**, ano 1, n.5, setembro, 1998. p.56-60.
- GUTTMANN, Allen. **From ritual to Record: the nature of modern sports**. Columbia: University Press, 1978, cap.III, p. 80-1.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1971.

ISLER, Tatiana. Radicais sobre a neve. **Revista Mundial**, Lisboa, Portugal, 1997, ano 2, n.13, p. 84-87.

PRONI, Marcelo W. **Esporte-espetáculo e Futebol-empresa**. Campinas: Unicamp, 1998. Tese de doutorado.